

GRÉGIA ANTIGA:
DE UMA EDUCAÇÃO "CAVALEIRESCA" A
UMA EDUCAÇÃO CAVALHEIRESCA

*Prof. Jair Fonzar - Dep. de Teoria e
Fundamentos da Educação*

1. A civilização do cavalo

Para quem vive nesta segunda metade do século XX, não é fácil avaliar toda a importância que teve o cavalo no passado. A tecnologia moderna reduziu-lhe a utilidade de tal forma que esse generoso colaborador do homem mal encontra lugar na atual civilização dominada pela máquina. O cavalo que, em outras épocas, tinha sepultura assegurada no túmulo da família do dono, como acontecia na Grécia; que comia à mesa dos imperadores, como ocorreu em Roma; que partilhava com seu ginete a honra das grandes vitórias nas olimpíadas e na guerra; que era o instrumento mais rápido de comunicação a longa distância; que era o meio mais comum de transporte...; hoje, é um animal de bem pouco valor, se excetuarmos os reduzidos espécimes que ainda servem de esporte a uma classe social que se torna dia a dia mais sofisticada. Com a perda progressiva de sua utilidade, o cavalo marcha célere para o museu, derradeiro estágio evolutivo de um elegante mamífero que deu tudo de si para o engrandecimento da humanidade, sem lhe haver nunca exigido nada em troca.

Porém, não pretendemos escrever a história heróica desse leal companheiro do homem. Outros já o fizeram com brilhantismo. O que queremos é ressaltar aqui, embora de maneira sucinta, a importância que ele teve na história da educação do povo helênico, na antiga Grécia.

Frisando a contribuição do cavalo na formação do povo grego, lançaremos mão de certos subsídios históricos que nos permitirão deduzir que, assim como é corrente referir-se a uma educação *cavalheiresca* dominante nessa época e nessa cultura, é igualmente oportuno e mesmo necessário falar-se de uma educação *cavaleiresca* que deu origem àquela. Até certo ponto, a educação "cavaleiresca" foi para a educação cavalheiresca causa e condição, pelo menos dentro da concepção guerreira que descobriu no cavalo um poderoso aliado do homem. Uma tal concepção não se circunscreeu só ao período histórico-mitológico abrangido pelos feitos da *Iliada* e da *Odisséia*: em todo o tempo que se seguiu às façanhas da guerra de Tróia, até à decadência da civilização helênica, o cavalo montado ou atrelado a uma carruagem sempre esteve à disposição do guerreiro e do ginasta gregos para lhes dar grandiosidade na guerra e nas competições esportivas.

2. Cavalos e carros de combate na mitologia épica

No tratamento literário que a Grécia antiga dispensou às divindades do Olimpo, com frequência vemos os deuses sobre luxuosas carruagens, puxadas por esbeltos corcéis, velozes como o zéfiro. Tais carruagens, frequentemente utilizadas como carros de combate, subiam aos ares com a facilidade e rapidez com que os modernos aviões a jato decolam dos aeroportos. Não raro aterrissavam e amerissavam como se fossem naves espaciais. Os cavalos do deus Posêidão, por exemplo, deslizavam sobre as ondas do mar com tamanha velocidade que a água não chegava sequer a molhar o eixo de bronze de sua preciosa carruagem (1). Na mitologia grega, os deuses se misturam com os homens para combater com eles e contra eles na guerra. Ferem e matam, como são também feridos, se uma parrelha de cavalos rápidos, crinas ao vento, não os remonta ao Olimpo, disparando a toda brida, arrancando faíscas dos ares com seus cascos de bronze, como os tinham os cavalos de Zeus e de Posêidão (2), para só citar dois exemplos. Zeus habita no espaço etéreo. Seu irmão Posêidão é o deus do mar, em cujas profundidades possui belíssimos palácios. Ambos trajados de ouro, manejando rebenques dourados, se compraziam em conduzir fogosos corcéis, que eles mesmos atrelavam e desatrelavam, quando necessário (3). Enquanto a carruagem divina deslizava ligeira sobre as ondas do mar, dos abismos profundos saíam os cetáceos para saudar o grande deus Posêidão em sua passagem (4).

A exemplo de Zeus e Posêidão, outras divindades eram igualmente possuidoras de carros e cavalos que elas sabiam conduzir com muita destreza. As deusas Atena, Hera e Hebe, montadas num carro de combate feito de ouro e prata, saem a toda brida em direção a Tróia, para socorrer o rei Menelau em perigo. Das três, Hera se mostra a condutora mais hábil e ousada (5). Afrodite, ferida em combate, é salva graças a Ares que lhe empresta a carruagem cujos animais são guiados através do firmamento pela deusa Íris, rumo ao Olimpo, onde Afrodite é curada por Dione (6).

Assim se locomoviam os deuses antropomórficos de Homero, que se gloriavam de ser peritos aurigas.

(1) *Ilíada*, XIII, 17-31. - Ver *Obras completas de Homero*, tradução de Luíís Segalá y Estalella, Joaquín Gil—Editor, Buenos Aires, s. d.

OBS.: Doravante citaremos a *Ilíada* e a *Odisséia* segundo esta edição. Por se tratar de uma tradução, é quase sempre impossível precisar a alínea exata em que se encontra a passagem referida. Para evitar o risco de sermos imprecisos, com o número do Canto em algarismo romano, indicaremos em algarismos arábicos o trecho dentro do qual se encontra a referência feita.

(2) *Ilíada*, VIII, 41; XIII, 17-31.

(3) *Ilíada*, VIII, 41-52; XIII, 17-38.

(4) *Ilíada*, XIII, 17-31.

(5) *Ilíada*, V, 719-777.

(6) *Ilíada*, V, 352-420.

3. Os heróis épicos

Não se portava de outro modo o herói da epopéia grega. Nas horas de combate, ele mal se distanciava de sua **parelha de cavalos fogosos**. Diferentemente da época de Xenofonte, em que o **guerreiro montado** exerce papel de destaque, na época da guerra de Tróia o **cavalo** toma parte no combate, mas atrelado a uma carruagem que **ele puxa** com ímpeto e velocidade surpreendentes. Por se tratar de um **poema essencialmente bélico**, Homero afastou da *Iliada* a presença do **cavalo de sela** que, até a época da guerra de Tróia, era utilizado simplesmente para fins pacíficos. Evitou, assim, um anacronismo histórico, observa Edouard Delebecque (7). Por conseguinte, não devemos tomar os costumes descritos na *Iliada* e na *Odisséia* como sendo necessariamente costumes da época de Homero. Sabe-se que, ao compor seus poemas, o grande épico teve em mente narrar acontecimentos e costumes anteriores aos do seu século (8). “No tempo de Homero o cavalo é usado sobretudo na cavalaria”, afirma Aubreton (9). E no entanto, o poeta o apresenta sempre atrelado a uma carruagem, praxe de tempos mais antigos, que contribui para dar ao poema um certo sabor arcaico e realista, conforme assinala o último autor citado.

O cavalariano, profissional de guerra, aparecerá, pois, em data posterior à guerra de Tróia, para dividir com o ginete olímpico, as glórias de uma classe superior donde este e aquele geralmente procedem.

Não obstante, uma tradição antiga nos conta que Nestor, Aquiles, Agamenão, Heitor, Enéias e outros heróis foram tão hábeis cavaleiros quanto destros aurigas (10).

À imitação dos deuses, os guerreiros homéricos, em horas difíceis, lançam mão dos recursos extraordinários que lhes oferece o cavalo que eles sabem explorar num sentido de grandeza e superioridade (11). Mesmo a *Odisséia*, cujo enredo não é o da guerra, em dado momento, para aumentar ainda mais as dimensões de seus heróis, leva-os a se utilizarem do cavalo. É assim que vemos Telêmaco e Pisístrato guiando e sendo conduzidos por animais impetuosos (12).

(7) Ver deste autor, *Le cheval dans l'Iliade*, p. 236, Librairie Klincksieck, Paris, 1951.

(8) Homero, que teria vivido pelo ano 850 a.C., descreve a tomada de Tróia, fato histórico que teria tido lugar por volta de 1184. (Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I, pp. 51-53, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1970).

(9) Robert Aubreton, *Introdução a Homero*, p. 121, Difusão Européia do Livro/USP, São Paulo, 1968.

(10) Edouard Delebecque, ob. cit., p. 20.

(11) Como um herói de combate, o cavalo também se impõe pela força e coragem – *areté* –, que faz dele um animal superior. “É neste sentido de excelência ou superioridade que se pode falar também da *areté* dos cavalos”. (Maria Helena da Rocha Pereira, ob. cit., p. 101, nota 27).

(12) *Odisséia*, XV, 182-194.

Mas é a *Iliada* que oferece ao poeta todas as oportunidades para cantar o valor do cavalo. Além das divindades olímpicas, aí são os heróis humanos que imprimem ao poema uma grandiosidade extraordinária graças, em parte, à força, elegância e velocidade que lhes empresta o cavalo. Naturalmente os cavalos dos deuses levavam vantagens sobre os cavalos dos homens, pois aqueles gozavam do dom da imortalidade que lhes garantia a ambrosia de que se alimentavam (13). A forragem dos cavalos dos homens, embora incomum, nada tinha de celestial: era cevada branca, aveia, folhas de trevo e trigo doce (14). Os cavalos, como seus donos, eram mortais, exceto Xanto e Bálio, de propriedade de Pátroclo, que receberam dos deuses a graça da imortalidade. Hera distinguiu-os ainda com o privilégio da fala. Foi assim que puderam vaticinar a morte iminente de Aquiles. Ao terem notícia da morte de Pátroclo, choraram-no como um irmão chora outro irmão (15).

Como se vê, o cavalo é para Homero um personagem que se movimenta em dois planos: pela força e arrojo é um bruto; pela inteligência e nobreza de sentimentos, uma pessoa. No poema o herói e seu cavalo se identificam tanto, a ponto de não raro se surpreenderem conversando entre si, como entre si dialogam dois amigos sobre assunto do mais alto interesse (16). Na *Iliada* o cavalo é, de fato, um personagem que desempenha papel inconfundível. Sem ele, a guerra de Tróia teria sido impossível. Pelo menos, impossível em sua grandiosidade heróica. O homem só, teria sido muito pequeno para realizar feitos tão assinalados: é o cavalo que o transforma num super-homem, condição necessária para as ações épicas. Na concepção homérica os próprios deuses se tornam todo-poderosos quando se valem do cavalo e da carruagem para realizar grandes feitos. Não foi Apolo um exímio criador de eqüinos? A *Iliada* nos relata que esse protetor dos troianos criou, com capricho, na Peréia, as célebres éguas do filho de Feres, velozes como aves, iguais na cor, na idade e na altura. Superiores ao que de melhor se conhecia no gênero (17).

O cognome mais significativo que Homero encontrou para os troianos foi o de domadores de cavalos. Heitor foi um eficiente domador de cavalo, nos atesta repetidamente o autor da *Iliada*. Esta habilidade somada ao espírito de bravos, tornou os defensores de Ílion invencíveis na luta. Não fosse a cilada do cavalo de pau, armada pelos gregos (18), os troianos não se teriam rendido nunca.

Menos hábeis que os troianos, os gregos eram, ainda assim, muito bons aurigas: Aquiles, Ulisses, Telêmaco, Pisítrato, Agamenão, Nestor, etc., todos se notabilizaram na lida com este animal. Nestor, o célebre auriga, já velho e sem forças para o combate, ainda assim se propôs a acompanhar os guerreiros jovens, para ensiná-los a tirar o melhor proveito de carros e cavalos (19).

(13) *Iliada*, V, 363-372; V, 767-777.

(14) *Iliada* V, 180-216; VIII, 553 sgts.

(15) *Iliada* XVII, 426-440; XIX, 404-417.

(16) A título de exemplo, cf. , XIX, 420-423; XXIII, 443-445.

(17) *Iliada* II, 763-779.

(18) *Odisséia* IV, 266-289; VIII, 487-520.

(19) *Iliada*, IV, 292-325.

A presença do cavalo na *Iliada*, é, pois, uma constante. O saber servir-se dele com técnica e eficiência é um pré-requisito indispensável nos modelos pedagógicos criados pelo "Educador da Grécia", epíteto pelo qual Homero é conhecido desde os tempos de Platão (20) até os nossos dias.

4. Alguns séculos mais tarde

O valor do cavalo, que teve em Homero (850 a.C.?) a maior exaltação, séculos depois encontrou em Xenofonte um dos mais célebres tratadistas. Xenofonte (430-355 a.C.), oficial de cavalaria, entre suas obras históricas e pedagógicas, legou-nos dois tratados, - um sobre a *Equitação*, o outro intitulado *Hiparco* ou o *Comandante de Cavalaria*. Em ambos o autor revela as intenções didáticas que teve ao escrevê-los. São dois manuais de instrução que o experimentado cavalariano põe nas mãos não só de ginetes desportistas, mas também de quantos estão empenhados na perigosa arte da guerra. Nos dois tratados o autor deixa transparecer a importância que teve o cavalo na formação do guerreiro que, pode-se dizer, era a destinação mais comum dos jovens gregos. Antes de Xenofonte, foi o ateniense Simão que empreendeu a mesma tarefa. A obra deste então conhecido instrutor de equitação, e cujo título parece ter sido *Hiposcópico* ou *O Perfeito Marechal* (21), serviu de base a Xenofonte para a composição dos seus dois opúsculos que tiveram, aliás, melhor sorte que o livro do citado mestre, pois se perpetuaram, íntegros, na história da arte de cavalgar.

Diferentemente dos aurigas homéricos, o aprendiz a que se dirige Xenofonte, usa cavalo de sela. No capítulo segundo de seu manual de *Equitação*, o autor lembra a importância que tem a instrução que transformará o jovem num bom cavaleiro. Para que cavalo e cavaleiro cheguem ao grau de integração indispensável ao bom desempenho da difícil e arriscada missão que os aguarda, é de todo necessária uma longa e contínua prática de equitação (22). O cavaleiro precisa conhecer sua montaria, bem como a técnica de levá-la a desempenhar sua arriscada tarefa. Enquanto, entre pessoas, a compreensão mútua se opera graças à palavra que lhes serve de meio de comunicação, entre o cavaleiro e o cavalo a interação se dá através do exercício contínuo e repetido. Ao mesmo tempo que o animal aprende a executar os mínimos movimentos esboçados pelo cavaleiro, este se aperfeiçoa na técnica de bem conduzir sua montaria. Um cavalo bem adestrado é o orgulho do cavaleiro que o monta. Ambos, completando-se mutuamente, atraem os olhares e suscitam a admiração de quantos os vêem passar nas grandes paradas. Um animal de boa qualidade e devidamente adestrado,

(20) Platão, *A República*, X, 606e.

(21) Ver em *Oeuvres complètes*, de Xenofonte, t. I, p. 263, nota n. 2, tradução de Eugène Talbot, Hachette, Paris, 1910.

(22) Xenofonte, *Sobre a equitação*, cap. VIII, final.

pode levar o cavaleiro à celebridade (23), ideal da educação helênica.

No *Hiparco* Xenofonte ressalta ainda a necessidade de se dar aos jovens aprendizes um mestre hábil em equitação, para se atingir, assim, o objetivo visado que é o de preparar cavalarianos para a guerra (24). O mestre ensinará ao novel cavaleiro todas as técnicas necessárias ao bom manejo de seu animal e obriga-lo-á a toda sorte de exercícios próprios da cavalaria: atravessar vales, subir e descer rampas, galopar sobre terreno íngreme, disparar morro abaixo. Aprenderá, ainda, a saltar rapidamente do chão sobre a sela, a combater com espada, lança e sabre; exercitar-se-á na luta com armadura, no modo mais prático e eficaz de se lançar o dardo, etc. (25).

Estes exercícios, na maior parte comuns aos ginetes de hoje, na Grécia antiga se revestiam duma importância extraordinária, visto que naquele estádio da civilização, o cavalo representava não só para os gregos, mas para todos os povos, uma das estratégias de guerra mais avançadas: era, para eles, a mais eficiente arma de combate que, aliás, só muito recentemente, na história, foi substituída pela moderna artilharia pesada. Quem o possuísse em maior número e soubesse se servir dele com mais destreza no entrevero da batalha, marcava uma incontestável superioridade sobre o inimigo. Nas guerras da Hélade o cavalo ocupou sempre lugar proeminente. Isto teria sido impossível se os jovens guerreiros gregos não tivessem, antes, recebido uma formação adequada que exigia muita técnica e persistência, mas sobretudo muito exercício sob a orientação de mestres abalizados.

5. Etimologia e significação (em parêntese)

Segundo Antenor Nascentes, Pedro Machado e outros, do vocábulo latino *cabullu* se originou etimologicamente a palavra *cavalo* (26) que, por sua vez se desdobrou historicamente em *cavaleiro* (do latim popular *caballariu*) e *cavalheiro* (derivação tardia e mais imediata do castelhano *caballero*), conforme nos ensinam Moraes e Constâncio (27). Direta ou indiretamente da raiz *caballu* derivam *cavalgar*, *cavalaria*, *cavaleiroso* e outros inúmeros cognatos.

(23) *Id., ibid.*, cap. XI.

(24) *Le Commandant de cavalerie*, ch. I, in *Oeuvres complètes*, edição citada.

(25) *Ver, ibid.*, caps. I e VIII.

(26) Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1955 - Cf. ainda José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1956.

(27) Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portugueza*, Lisboa, 1844. Ver também Francisco Solano Constancio, *Novo Diccionario Critico Etymologico da Lingua Portugueza*, Paris, 1854.

O vocábulo *cavalheiro*, com a significação de homem digno e brioso, é de formação relativamente recente. Para significar isto mesmo, Camões ainda escrevia “nobres cavaleiros” (28).

Porém, muito mais recente que *cavalheiro* é o seu derivado *cavalheiresco*, que só encontrou acolhida nos bons léxicos em data muito próxima de nós.

Quanto ao qualificativo *cavaleiroso*, é de cunho antigo. É usado já no século XV, afirma Pedro Machado. Porém, hoje se tornou arcaico para significar empreendimento material ou moralmente grandioso.

Por aí se pode ver que nenhum derivado da citada raiz latina se presta atualmente para exprimir a idéia de um processo educativo que teve lugar certo na história. Se recorrêssemos ao grego, talvez pudéssemos falar em “educação hípica”, para exprimir a mesma coisa que pretendemos significar com a expressão “educação cavalheiresca”. Porém, falar em “educação hípica”, seria forçar o uso, uma vez que este qualificativo está hoje reservado a uma sorte de competição de caráter meramente desportivo, quais são as “competições hípicas”.

Em que pese à chancela de neologismo, ainda preferimos o qualificativo *cavaleiresco* para significar a realidade histórica a que nos referimos. Além do mais, o termo proposto tem ainda a vantagem de ser um parônimo do vocábulo *cavalheiresco* que, no entanto, exprime apenas o aspecto sublimado de uma forma de educação que se desenvolveu no trato com esse nobre mamífero, que é o cavalo.

6. História e interpretação

Como se pode deduzir de quanto precede, na época de Homero não menos que na de Xenofonte, a cavalaria existia como poderosa arma de guerra, geralmente constituída pela aristocracia da mocidade grega (29), maté-

(28) Em *Os Lusíadas*, II, 76, lê-se:

“São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros
Que tanto mar e terras tem passadas”.

Daí a razão de o mestre Antenor Nascentes (ob. cit.) ensinar que, no século XVI, o termo *cavaleiro* ainda era usado com a significação de *cavalheiro*. E não é outra a lição de Silveira Bueno, quando comenta a supracitada expressão que ressaltamos na maior epopéia da língua portuguesa. (Cf. *Os Lusíadas*, p. 218, II-76, nota n. 1, edição crítica de Francisco da Silveira Bueno, Editora Tecnoprint, Rio de Janeiro, s. d.).

(29) Xenofonte relata que os integrantes da cavalaria eram elementos recrutados dentre os cidadãos mais ricos da cidade, dentre aqueles que mais se destacavam nos negócios da *pólis*. (*Sobre a equitação*, cap. II, ed. citada).

ria-prima donde saíam os heróis. Na escola do guerreiro profissional, cavaleiro e cavaleiro se completavam. Este se constituía em objetivo-fim daquele (30). A formação do cavaleiro, do guerreiro ou do atleta eram fases ou aspectos importantes dum todo que os gregos exprimiam com a palavra *paidéia* (31). Ora, sabe-se que entre eles, por muito tempo predominou o ideal de uma *paidéia* aristocrática, - educação do cavaleiro -, para a qual muito contribuiu a atuação do cavalo, nota distintiva duma classe economicamente superior. O cavaleiro grego é o cidadão aristocrata, nobre de espírito e o mais das vezes, de origem também, justo, prudente, destemido, que geralmente passou por um longo tirocínio de equitação, preparando-se para o combate ou para as competições esportivas. Na paz ou na guerra, o cavalo emprestava ao cavaleiro, altura, força, velocidade e elegância, com o que este se tornava superior ao simples hoplita e ao comum dos atletas nas competições olímpicas.

Contrariamente à época moderna, na Antigüidade e na Idade Média o cavaleiro, qualquer que fosse sua origem social, assumia um compromisso moral de pautar suas ações pelas normas da justiça e do bem. Na Grécia, o cavaleiro tinha por meta a defesa da pátria e a afirmação de sua superioridade sobre os outros povos. Na Idade Média o ideal mais alto era a defesa da religião, dos direitos do rei, da dignidade da mulher, etc. Ao assumir tal compromisso, antigos e medievais passavam naturalmente da condição de cavaleiros à condição de cavaleiros, empenhados na prática de ações cavaleirescas, isto é, próprias dum homem de caráter nobre. É dentro desta linha histórica que o lexicólogo Constâncio pôde escrever que "Do cavalo veio a nobreza dos homens" (32).

Pelo fato de ter vivido vários séculos depois de Homero, Xenofonte pôde retransmitir-nos o que parece ter sido uma prática tradicional muito anterior ao seu tempo e que integrava a *paidéia* grega: havia uma educação "cavaleiresca", como havia uma educação cavaleiresca. Uma preparava a outra. A educação "cavaleiresca" era de duas modalidades: militar e civil ou simplesmente esportiva. Como esporte, devia começar muito cedo na vida escolar da criança: em torno dos sete anos, como se pode depreender de Galeno (131-201), se sua opinião tardia ainda é válida para testemunhar uma prática que devia ser multissecular entre os gregos (33).

(30) Tão estreita é a relação histórico-pedagógica do *cavaleiro* com o *cavaleiro* que, às vezes, como observa Marrou, se têm dúvidas sobre como melhor traduzir o termo grego que lhes dá origem. (Cf. Henri-Irénée Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, p. 77, Seuil, Paris, 1965).

(31) Sobre a significação polivalente de *paidéia*, ver, entre outros, Werner Jaeger, *Paideia: A formação do homem grego*, trad. de Artur M. Parreira, Herder, São Paulo, s. d.

(32) *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, edição citada, verbete *cavaleiro*.

(33) Sobre o depoimento de Galeno, cf. Henri-Irénée Marrou, ob. cit., p. 184.

Mas era a cavalaria sobretudo que oferecia aos jovens aristocratas oportunidade de desenvolver os seus sentimentos de nobreza e atingir, assim, o mais alto grau da *areté*, aspiração do herói e do sábio.

Porém, objetar-se-á que o termo *cavaleiresco* é neologismo que ainda não teve acolhida nos bons dicionários. Moraes, Constâncio, Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Antenor Nascentes, nenhum dos grandes lexicólogos o registra (34). Certo. Mas, por que não o cunhar, se sua derivação etimológica é correta e se só este vocábulo pode significar uma realidade histórica que não é expressa por nenhum outro vocábulo derivado do étimo *caballu*?

Cavalheiresco, cuja origem histórico-etimológica se liga indiretamente à palavra *cavalo*, deixou, pois, de significar a prática militar ou esportiva com o cavalo, para significar um estado de espírito ou caráter nobre e elevado. Portanto, não serve mais para exprimir o processo educativo helênico ao qual se não todos, pelo menos boa parte dos jovens tinha de se submeter, antes de atingir aquele estágio de grandeza moral e cívica, própria do cavaleiro. O herói épico é, ao mesmo tempo, cavaleiro e cavaleiro ou auriga. Sua educação "cavaleiresca" teve como resultado uma formação cavalheiresca, meta da *paidéia* grega. Porém, se a educação cavalheiresca foi o fim último intentado pela *paidéia*, isto não significa que o cavaleiro se tenha dissociado do cavaleiro. Um e outro coexistiram no mesmo herói, embora aquele se tenha imposto à literatura histórico-pedagógica, com o aparente alijamento deste. A escola do cavaleiro não foi substituída pela escola do cavaleiro. Na Antigüidade grega, aquela antecedia logicamente esta e preparava-a. Daí porque, tratando-se do fato histórico-pedagógico a que nos referimos, é oportuno e até necessário, para se fazer esta distinção, falar-se em educação cavalheiresca e em educação cavaleiresca. Como a primeira, esta última expressão é historicamente correta e lingüisticamente aconselhável. Um professor de História da Educação pode, portanto, diante de seus alunos ou de quem quer que seja, utilizar-se do neologismo "cavaleiresco", desde que este seja empregado para exprimir a realidade pedagógica que deu azo a estas reflexões. Os vocábulos precisam ser empregados corretamente dentro de um contexto histórico-filológico para que Cândido de Figueiredo ou Antenor Nascentes os possam registrar. Foi assim que os clássicos da literatura contribuíram para o enriquecimento do idioma nacional. É assim que os homens de ciência vêm fazendo para traduzir conceitos ainda não abonados pelos clássicos da língua.*

* P.S.: Agradecimentos ao senhor Professor Eurico Back pela benevolência que demonstrou ao ler os originais deste pequeno trabalho.

(34) Aliás, dos bons lexicólogos, só alguns dos mais modernos registram o adjetivo *cavalheiresco* que, como se disse, é de formação bem recente.